

RESENHA

MIKHAIL BAKHTIN: CONTRIBUIÇÕES PARA A FILOSOFIA DA LINGUAGEM E ESTUDOS DISCURSIVOS

Zandwais, A. (org.)

Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005, 159 pp.

As condições de produção da obra de Mikhail Bakhtin e o perfil do Bakhtin homem derivaram o multifacetamento da leitura que se faz, até hoje, dos escritos do pesquisador russo. Silenciada ao longo de muitos anos pela cortina de ferro, apenas na década de 70 a obra de Bakhtin foi traduzida para além do contexto soviético, e tem rendido produções em diferentes áreas do conhecimento, dos estudos da linguagem à psicologia, por exemplo. Filão inesgotável, nela sempre se encontra um veio a ser explorado, aprofundado, e mesmo re-visitado. Uma das últimas produções brasileiras de que se tinha notícia nesse entorno é a obra *Bakhtin: conceitos-chave*, organizada por Beth Brait e publicada pela Contexto (SP), em 2005. A partir de agora, a leitura sempre produtiva de Bakhtin conta com mais uma reflexão de peso, a qual põe em cena um diálogo entre pesquisadores especialistas em temáticas russas/soviéticas e pesquisadores brasileiros. Trata-se do livro *Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*, número 20 da Coleção Ensaio, organizado por Ana Zandwais, e publicado pela Sagra Luzzatto (RS), em 2005. Dos nove capítulos, os quatro primeiros são de autoria de pensadores europeus, e os cinco últimos de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação da UFRGS, entre eles, docentes, alunos e ex-alunos.

Serguei Tchougounnikov, professor da Universidade do Sul de Estocolmo, abre o livro com o texto “Por uma arqueologia dos conceitos do Círculo de Bakhtin: ideograma, signo ideológico, dialogismo”. O autor dá visibilidade à discussão da autoria nos textos de Bakhtin, no modo como se refere a ele: *Voloschinov, aliás, Bakhtin*. Para sublinhar as críticas que o Círculo de Bakhtin teceu em relação aos pensadores de sua época, o autor propõe, já no título do texto, uma escavação que tenta reconstituir a gênese metafórica dos conceitos bakhtinianos. Para tanto,

reporta às analogias construídas pelo próprio Bakhtin com conceitos das ciências naturais. Exemplo disso é a remissão que Tchougounnikov faz à obra *Tetraloguija* (1927-1928), na qual Bakhtin defende que assim como o oxigênio, que não perde sua essência na composição da água, o signo ideológico, ou *ideologema*, tem especificidades. Esse postulado, explicita Tchougounnikov, faz com que Bakhtin levante a necessidade de uma metodologia específica para a abordagem do signo ideológico. Tomando como parâmetro comparativo a verticalidade da classificação periódica de Mendeleiev, Tchougounnikov discute as fronteiras existentes entre o pensamento dos formalistas russos e dos pensadores do Círculo de Bakhtin. O caráter refrativo do signo ideológico, enfraqueceria, segundo o autor, o antagonismo entre os dois Círculos. No entanto, explicita ele, num aspecto os dois grupos se distanciam: enquanto *a palavra poética é, para os formalistas, uma palavra opaca ou coisificada, essencialmente a-histórica, para Bakhtin ocorre a metamorfose inversa* (p.16). Tchougounnikov vale-se do conceito bakhtiniano de *avaliações sociais* para dar conta de descrever como se dá a intervenção da historicidade no enunciado.

Outra metáfora a que Tchougounnikov recorre é a da refração, termo que em física óptica *designa o fenômeno pelo qual a luz solar, a luz branca apresenta as diferentes radiações de que ele é composto*, Tchougounnikov sustenta que em Bakhtin *são as duas consciências em diálogo que desempenham o papel de dois meios transparentes heterogêneos, isto é, dotados de graus de refração diferentes. O signo ideológico nasce sobre a fronteira entre esses dois meios* (p.19). O autor chama a atenção para a necessidade de se *definir ou avaliar o ângulo de refração*, aspecto esse que aponta para a necessária continuidade do diálogo entre os estudos bakhtinianos e os da linguagem, por exemplo, mais especificamente, o estatuto da relação linguagem/ideologia.

Mika Lähtenmäki, pesquisadora da universidade de Jyväskylä, Finlândia, contribui para o diálogo com o texto “Estratificação social da linguagem no ‘Discurso sobre o Romance’: o contexto soviético oculto”, no qual reporta a algumas fontes das quais Bakhtin bebeu para, em seus escritos, discutir a relação linguagem/sociedade, tais como o neokantismo, a fenomenologia de *Lebensphilosophie* e o trabalho de Karl Buhler. Segundo a autora, esse último teria influenciado a formação da noção dialógica de enunciado. Com relação ao ensaio bakhtiniano “O discurso no romance”, Lähtenmäki levanta a possibilidade, a partir de Hirschkop, de a obra ter recebido influência de Iakubinskii, professor da universidade de Petrogrado, onde Volochinov foi seu aluno. Para tanto, parte do debate em torno da concepção de estratificação social e ideoló-

gica da linguagem, presente em *O discurso no romance*. Lähteenmäki reporta ao marrismo e aos pensadores que, embora próximos dessa linha de pensamento, com ela se confrontaram, principalmente no que tange à noção de língua como reflexo direto da estratificação social. Um deles é Iakubinskii, um dos primeiros a discutir a natureza da linguagem e a interação verbal na lingüística Russa/Soviética. O aspecto que o distancia da doutrina marrista, explicita Lähteenmäki, é *a tese de que a diferenciação nacional, dentro de uma língua nacional, deriva das circunstâncias sócio- econômicas de uma sociedade em particular, e não das estruturas lingüísticas como tais*. (p.45).

A esse ponto de vista a autora contrapõe o pensamento bakhtiniano, o de que a língua situa-se num processo de vir a ser, razão por que, defende ela, não se pode falar em uma língua nacional a partir do pressuposto da homogeneidade, ao contrário, *ela é simultaneamente caracterizada por suas tendências que ora buscam a unificação, ora buscam a estratificação e a diferenciação* (p.47).

Para dar conseqüência à discussão da relação linguagem/ideologia na abordagem da questão das línguas nacionais, Lähteenmäki traz dois conceitos bakhtinianos: *raznorechie* e *raznoiazychie*, definidos na obra *Voprosy literatury e estetiki*, publicada em Moscou, em 1975. Enquanto *raznoiazychie situa-se na ordem do lingüístico, raznorechie* é o correlato da pluralidade discursiva, implicando a *multiplicidade de visões ideológicas dentro de uma mesma comunidade lingüística*. Porém, ressalva a autora, *raznoiazychie* pode tornar-se *raznorechie*, na condição de uma determinada forma lingüística vir a representar uma determinada perspectiva ideológica. Assim, é pelo modo como Bakhtin concebe a presença da ideologia na língua que a autora estabelece as fronteiras entre as idéias de Bakhtin e o marrismo. Da mesma forma, estabelece o ponto de distanciamento entre Bakhtin e Iakubinskii, na medida em que o primeiro rejeita a idéia da estratificação da linguagem como diretamente relacionada às circunstâncias sociais e econômicas.

Partindo da questão das diferentes leituras que são feitas de Bakhtin, Patrick Sériot, professor da universidade de Lausanne, propõe-se a uma *re-contextualização* de um dos conceitos bakhtinianos que implicam leituras divergentes, o de *dialogismo*. No texto intitulado “Bakhtin no contexto: diálogo de vozes e hibridação das línguas (o problema dos limites)”, Sériot insere a tematização do referido conceito a partir da polêmica instaurada entre as décadas de 20 e 30 sobre as noções de pureza e hibridação das línguas, das culturas, das raças, dos objetos de discurso, entre outros. Para ele, essa questão deve ser pensada a partir do âmago da *crise do paradigma positivista de fechamento dos objetos em ciências humanas e sociais*. Sériot sustenta que o período

intervalar entre as duas guerras produziu, entre a Rússia Soviética e a Europa ocidental, um duplo movimento no que concerne ao domínio das ciências humanas e sociais, simultaneamente de continuidade e de ruptura epistemológica. Na discussão do que o autor denomina *o ar do tempo*, ele mostra a relevância que assumia, à época, a influência da corrente sociológica, a qual postulava a língua como fato *social*. Para Sériot, no entanto, a crise epistemológica demarcava uma questão anterior a essa, porque não implicava apenas o objeto da lingüística, mas uma oposição, nova, então, *entre o objeto real e o objeto do conhecimento* (p.63).

Inserida na problemática do *ar do tempo* estava, segundo Sériot, a questão das fronteiras entre as línguas. No que concerne à questão da hibridação, contrapunham-se dois pontos de vista, um de que as línguas se desenvolvem no tempo, mas não na história, configurando-se a partir da impossibilidade de interpenetração, e outro, segundo o qual não existe língua que não seja híbrida. O marrismo, inscrito nessa segunda tendência, preconizava a idéia de homogeneidade plena a partir do hibridismo, com completo apagamento dos elementos iniciais. Segundo Sériot, este constitui um dos elementos da crise inscrita no *ar do tempo*, cuja superação pode ser vislumbrada por uma terceira via: o dialogismo-interacionismo de Bakhtin-Volochinov como resposta à questão dos limites dos objetos de conhecimento.

Referindo-se ao texto *A construção do enunciado*, publicado um ano após *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Sériot aponta a impossibilidade de se inserir na tradição marxista uma obra que não tem como foco a contradição: para Voloschinov a consciência pessoal constitui-se na voz dos representantes ideais do grupo social que ressoa na vida interior do indivíduo, e em momento algum busca identificação com as formações sociais. A existência do enunciado tem como perspectiva o interlocutor, não necessariamente empírico, mas ausente de diferenças, razão pela qual os discursos conflituosos não estão em questão. Nesse caso, pode-se pensar na exterioridade postulada por Bakhtin/Voloschinov como incidente, e não constitutiva da linguagem.

O que poderia parecer um limite teórico, Sériot debita ao *ar do tempo e do lugar*. Os integrantes do Círculo de Bakhtin viveram em uma época na qual a tentativa de superação da crise do positivismo legou uma reflexão em torno do processo comunicacional para além dos limites de sua interioridade e da própria pessoa, embora, sublinha Sériot, continuem sendo questionados. Outro legado é o desafio epistemológico para se pensar no estatuto da própria *ciência do objeto, ao mesmo tempo único e ligado a tudo*.

Inscrevendo a discussão sobre a obra bakhtiniana no que Sériot designou “o ar do tempo”, Ekaterina Velmezova, da Academia de Ciências de Moscou, em texto intitulado “Mikhail Bakhtin, o mecânico e as fronteiras”, centra sua atenção sobre a abordagem bakhtiniana da história e da teoria literária. A análise que a autora faz recorta a noção de *ciência integral*, implicada na abordagem das ciências humanas e naturais da URSS das décadas de 20 e 30. Essa noção *pressupunha uma abordagem complexa dos objetos lingüísticos estudados*, implicando *a possibilidade de transpor os modelos e as metáforas de uma área de saber para outra* (p.81).

Velmezova desenha o confronto entre forças teóricas latente à época: os integrantes do Círculo Lingüístico de Bakhtin faziam frente à abordagem formal da lingüística saussureana e ao formalismo na literatura, enquanto Nicolau Marr opunha-se ao indo-europeísmo clássico. O ponto de encontro da resistência era o fato de os adversários, adeptos das teorias mecanicistas, não considerarem o fator do meio em seus objetos de estudos. A questão que ela se coloca é se aqueles que consideravam a noção de meio efetivamente a levavam em conta.

Para tecer essa resposta a autora confere atenção especial ao artigo de Bakhtin, intitulado *A arte e a responsabilidade*, escrito em 1919 e considerado sua primeira publicação. Nesse texto o autor discute a questão das fronteiras entre as áreas do saber, mais especificamente, a problemática da implicação da cultura nas diferentes áreas. Velmezova aponta, a partir da leitura que faz do texto bakhtiniano, que, não obstante a existência das fronteiras, elas consistem em limites a ultrapassar, porque penetram os fenômenos da cultura, situando-se, por isso, mais em seu interior que em seu exterior. Nessa interioridade delinear-se-ia uma *estrangeiridade*, de uns elementos em relação aos outros.

Outra discussão que a autora traz a partir do texto é a relação entre as atividades do homem nos domínios da ciência e das artes e suas atitudes. Para Bakhtin, a consciência humana, como sistema de valores, seria o princípio articulador dessas duas instâncias, designado *força tércia*. Sublinhe-se que ao sistema de valores ele agrega a responsabilidade como condição indispensável para haver a transposição do mecânico e superficial.

Velmezova traça, ainda, um comparativo entre Bakhtin e Nicolau Marr, na oposição que ambos fazem ao formalismo, ainda na perspectiva inicialmente colocada, da medida da consideração do meio na abordagem do objeto de estudo. O texto reflete sobre a produção de Bakhtin e Marr, a partir do ponto de aproximação de ambos no que tange ao que fazem frente ao espírito de seu tempo: a convocação de uma força integrante, cujos laços que religam as partes do todo transcendem os limites do meramente formal.

O capítulo 5 do livro dá entrada, com o texto de Ana Zandwais, à voz de pesquisadores brasileiros. “Relações entre a filosofia da práxis e a filosofia da linguagem sob a ótica de Mikhail Bakhtin: um discurso fundador” é o título que nomeia as reflexões em torno da inserção de Bakhtin em seu tempo histórico-político e as contribuições que ele legou para a intelectualidade a partir de sua visão crítica sobre o Estado Bolchevique.

Com esse estudo Zandwais demarca a necessidade de, ao se lançar o olhar sobre uma determinada época, considerarem-se as contradições que lhe são inerentes, e assim poder-se entender as condições que elevam determinados saberes a um patamar de hegemonia. É a partir desse pressuposto que a autora explicita a inscrição de Bakhtin e seu Círculo no contexto histórico da URSS, *como intelectuais que ousaram discordar de seus contemporâneos, produzindo leituras críticas acerca da superficialidade com que determinadas áreas de conhecimento serviram-se do materialismo histórico para reduzi-lo à condição de materialismo puramente empírico ou imediatista* (p.86). A participação do Círculo de Bakhtin como representantes da intelectualidade na implementação dos ideais do Estado Bolchevique situou-se no espaço da discordância, ancorada, principalmente, no estatuto que o conhecimento científico assumiu sob a ótica do materialismo histórico. A principal resistência de Bakhtin, descreve a autora, dizia respeito à tendência de os saberes científicos inscreverem-se sob a égide do controle estatal, opacificando a pluralidade própria de sua condição de existência.

Zandwais desenha a posição de Bakhtin e seu círculo a partir de diferentes perspectivas: a de seus contemporâneos, de seus sucessores e de sua própria voz, como ela mesma afirma. Uma das discussões a que a autora dá conseqüência é a que diz respeito à relação inconsciente/linguagem, explicitando a ancoragem dos processos de interdição em práticas sociais historicamente cristalizadas, o que impossibilita a limitação da questão da consciência ao terreno da subjetividade, ou, inversamente, seu enquadramento em uma condição de onipotência, como se fosse uma superestrutura. Ao contrário, Zandwais reivindica, a partir da leitura de Bakhtin, uma postura dialética, pela qual as ideologias não derivariam da consciência, mas essa última delinear-se-ia a partir da conjuntura econômica e social, das práticas sociais e dos diferentes modos como os sujeitos inscrevem-se nelas. Conforme Zandwais, a noção que fundamentaria os estudos sobre a consciência seria a de condições históricas de determinação, as quais *explicariam modos de apropriação das contradições vividas, em um dado momento histórico, por um corpo social, materializadas pela expressão em outro corpo reflexo/refratário daquela: a linguagem.* (p.88).

Bakhtin e Michel Pêcheux, pensador francês, são olhados na perspectiva de suas convergências e divergências no que tange à relação ideologia/linguagem por Freda Indursky no texto “A ideologia em Bakhtin e Michel Pêcheux: um estudo em contraponto”. A autora mobiliza dois conceitos, o de signo, em Bakhtin, e o de sujeito, em Pêcheux, pensador da escola Francesa de Análise de Discurso (AD). O ponto de partida de ambos é o mesmo: a crítica ao corte saussureano e suas exclusões. Porém aí mesmo já se distanciam, pela concepção de língua de cada um, conforme Indursky. Para Bakhtin interessavam as relações sociais e interindividuais implicadas nela, já para Pêcheux era a historicidade na língua o que assumia relevância. Outro ponto que os une para os afastar, segundo a autora, é o distanciamento da concepção de *social* formulada pelo Curso. Enquanto Bakhtin enfatiza a interlocução entre indivíduos, Pêcheux enfatiza os papéis dos *sujeitos sociais* implicados em *práticas discursivas*. Os dois autores encontram-se mais uma vez na frente que fazem à exclusão saussureana do sujeito da língua, o qual é posto em cena por Bakhtin pelo viés das noções de polifonia e dialogia. Já Pêcheux interessa-se pelos *processos semânticos que se instauram na materialidade lingüística do discurso social* (p.104).

Mas é a partir do conceito de signo que Indursky leva a termo o contraponto entre os dois autores, mediados, sempre, pela voz saussureana como lugar de fundação/refutação. De sua natureza opositiva, estabelecida pela categoria de valor, adscrita à interioridade do sistêmico, em Bakhtin o signo se transmuda devido à condição da exterioridade. E o modo como se estabelece o valor do signo, explicita ela, relaciona-se ao fato de ser ele mobilizado por diferentes classes sociais, implicando, por isso, a contradição.

É pelo entrelaçamento da noção de ideologia pelo viés do sujeito, inscrito em lugares sociais, e não do signo, que Indursky demarca mais um distanciamento entre Pêcheux e Bakhtin. A inscrição nos referidos lugares sociais, defende ela, dá-se pelo viés das formações ideológicas e das formações discursivas. Sua reflexão segue mostrando que Pêcheux, diferentemente de Bakhtin, não estabelece identidade entre discurso e ideologia, antes, *o discurso é um dos pontos através dos quais a ideologia se manifesta*. O contraponto tecido por Indursky ao longo de seu texto culmina com uma aplicação dos conceitos discutidos à palavra globalização, primeiramente, a partir da arena bakhtiniana, depois, a partir da noção pecheutiana de Formação Discursiva (FD), lugar de ancoragem da palavra. A autora mostra que os sentidos da palavra são diversos, segundo sejam produzidos numa FD Econômica Neoliberal ou noutra, Libertária. E conclui afirmando sobre a produtividade dos conceitos bakhti-

nianos para o campo dos estudos literários, e os de Pêcheux para o exame do discurso social.

A noção de *discurso outro* e seu funcionamento é o foco da discussão encetada por Evandra Grigoletto, na perspectiva de uma analogia com a noção de heterogeneidade, própria do quadro epistemológico da AD. No texto intitulado “Reflexões sobre o funcionamento do discurso outro: de Bakhtin à Análise de Discurso”, a autora defende, a partir da concepção de língua e de discurso presentes em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o fato de que *Bakhtin contempla a inscrição, a presença do discurso outro em toda e qualquer prática discursiva. Ou seja, contempla a heterogeneidade como elemento constitutivo do discurso* (p.118). A partir desse fio da trama conceitual Grigoletto estabelece uma ponte com a Análise de Discurso pecheutiana, que propõe o discurso não como objeto estritamente lingüístico, mas acima de tudo *histórico, ideológico e social*.

A marca ideológica do signo lingüístico e sua condição de refração, postulados clássicos em Bakhtin, são aproximados, pela autora, ao princípio pecheutiano da condição ideológica na constituição do sujeito, esse último o pressuposto necessário para a existência de discursos. A consequência desse postulado, de acordo com ela, é o intrincamento sujeito/ideologia/simbólico, cuja materialização se dá no espaço do signo lingüístico.

O ponto que produz um afastamento entre os dois autores situa-se no fato de que o sujeito bakhtiniano, defende Grigoletto, embora ideológico e histórico, não é socialmente assujeitado, porque dotado de consciência. Já o sujeito pecheutiano, também historicamente constituído, por ser assujeitado às condições de determinação que intervêm no modo de produção das práticas sociais, não é consciente de suas escolhas, e por isso não está na origem de seu dizer, embora ilusoriamente produza para si mesmo esse efeito.

A partir de enunciados presentes em materiais de divulgação científica, Grigoletto propõe uma dupla possibilidade de análise, primeiramente em uma perspectiva bakhtiniana, mostrando como o discurso de divulgação científica, ao trazer o discurso outro, o dos cientistas, o dilui, mas não de modo pleno, produzindo-se, entre ambos, uma interação dinâmica, *sem fronteiras delimitadas entre exterior e interior*. Em um segundo momento, a partir do mesmo corpus, a autora procede a uma análise em uma perspectiva discursiva, estabelecendo contrapontos com a anterior, mostrando que por trás da simulação de homogeneidade de vozes, produz-se um efeito de indeterminação, o qual inscreve os enunciados em um espaço intervalar, que oscila entre o dizer dos cientistas e o do lugar social do jornalista, sujeito do discurso que não se encontra na origem desse dizer.

A noção de heterogeneidade discursiva, ausente em Bakhtin, mas possível de ser pensada a partir de suas reflexões, encontra-se presente também no estudo proposto por Ercília Cazarin, que tem como ancoragem a noção bakhtiniana de polifonia: “Da polifonia de Bakhtin à heterogeneidade discursiva na Análise de Discurso”. A partir de leitura de Boukharaeva (1997), pesquisadora russa, a autora sublinha o diálogo como *paradigma único e autêntico de toda a criação bakhtiniana*. Pelo fato de Bakhtin defender o estudo da linguagem a partir da enunciação, que é historicamente situada, Cazarin enfatiza que o homem também historiciza a linguagem. A noção de polifonia, inserida na relação eutu, a qual, de acordo com ela, é antes de tudo de intersubjetividade, é posta a partir da discussão sobre o discurso citado, porque aí encontra-se o cerne do descentramento do sujeito. A autora propõe, a partir desse lugar, uma relação com os estudos discursivos, ênfase de sua investigação; para tanto, defende que *se a polifonia descentra o sujeito, uma enunciação polifônica pode materializar um embate entre diferentes relações de força que se estabelecem e podem ser apreendidas no funcionamento do discurso* (p.137). Para ela as relações dialógicas pertencem ao campo discursivo e são irreduzíveis aos limites do estritamente lingüístico.

Cazarin historia que a noção de heterogeneidade discursiva, tributária de Authier-Revuz, tornou-se possível, no campo teórico da Análise do Discurso, a partir de uma outra noção, a de Formação Discursiva: *um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, em seu interior, outros discursos*. Essa condição é mostrada por Cazarin por meio de uma análise que a autora propõe a partir de três seqüências discursivas pertencentes ao Discurso de Lula, mostrando como as diferentes vozes nele presentes, ao representarem diferentes FDs, produzem espaços de antagonismo. O antagonismo é demonstrado no confronto que se estabelece discursivamente entre a Formação Discursiva dos trabalhadores brasileiros e a FD patronal brasileira. Na sistematização que Cazarin faz destaca-se a inserção do discurso-outro no discurso-um como espaço de interpretação, ainda que de diferentes modos. A FD, conclui a autora, funciona como lugar de *regulamentação do que pode, deve ou convém ser dito*, via rejeição e reorientação do discurso outro.

Encerrando (mas também abrindo) o diálogo, Ivana Acunha Guimarães retoma um dos conceitos chave em Bakhtin, no texto “O dialogismo: uma perspectiva marxista da linguagem”, destacando, inicialmente, que *a enunciação é, para a filosofia marxista da linguagem, uma realidade da língua, que está atrelada a uma estrutura sócio-ideológica*. A autora também chama a atenção para o fato de que, dada a condição ideológica do signo lingüístico, sua significação só é possível se

pensada a partir de uma ordem sócio-histórica. Tal pressuposto determina os modos como Bakhtin pensa o lugar da linguagem na relação infraestrutura/superestrutura. Guimarães mostra que Bakhtin, diversamente do pensamento marxista, defende a língua como suporte que permite às representações das superestruturas ganharem materialidade. Um outro aspecto, correlato desse, é o fato de a língua utilizada pelas classes sociais ser a mesma, ficando a variação implicada nos valores que os signos ideológicos adquirem.

Guimarães também apresenta alguns pontos de aproximação e de deriva entre Bakhtin e Benveniste. Para este último, a enunciação é um ato individual, pelo qual o sujeito institui um outro como seu interlocutor. Já para Bakhtin, a enunciação é sempre carregada da fala do outro, e a escolha dos signos se dá a partir das relações sociais que se estabelecem entre os interlocutores. A autora sintetiza esse pensamento afirmando que em Bakhtin *a dialogia não é a alteridade entre dois falantes empíricos, mas é a presença de um dizer de natureza social que povoa o discurso.*

Patrick Sériot afirma, em seu texto, presente na obra aqui discutida, que “a produção escrita do Círculo de Bakhtin é densa, por vezes opaca, freqüentemente espantosa, e produz, na Europa Ocidental, um efeito de estranheza criadora de incompreensão e de mal entendidos”(p.59). É essa densidade que possibilita o multifacetamento da leitura bakhtiniana e a aplicação de seus postulados às diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido é inestimável a contribuição que o livro aqui discutido traz para os estudiosos de Bakhtin, e dos que com ele dialogam, revisitando e ampliando o entendimento de conceitos já tantas vezes postos em cena e nunca esgotados. Muito colaborou para esse movimento a leitura de outras fontes, trazidas pelos pesquisadores europeus. Destaque também para o diálogo tecido na obra com os estudos discursivos, para os quais a noção de ideologia, por exemplo, é sobremodo cara, e que encontra na obra espaço de discussão e contraponto, demonstrado via aplicação de dispositivos de análise em textos dos pesquisadores brasileiros.

Gesualda dos Santos Rasia
Departamento de Estudos da Linguagem,
Arte e Comunicação/UNIJUI